

APRESENTAÇÃO

Apresentação da Revista Interfaces Volume 7.

O instigante tema Interdisciplinaridade é tratado neste sétimo volume da Revista Interfaces por importantes estudiosos de nossa comunidade.

Edmundo Bouças baseado em estudos nas áreas de história do urbanismo e antropologia social pretende demonstrar como a obra de João do Rio absorveu os moldes decadentistas, suscitando uma reação aos postulados disciplinares impostos pela reforma urbana do Rio de Janeiro no início do século XX.

Helena Cunha de Uzeda em seu ensaio sobre As Artes Plásticas e a Crítica Literária no século XIX mostra que a arte produzida nesse século, como resultado da influência de importantes teorias – o positivismo e o evolucionismo - orientaram de maneira definitiva a visão sobre o desenvolvimento da arte. Enfatiza que a estreita ligação de parentesco entre a literatura e as artes visuais, mostrando como a crítica literária se transformou em participante direta e ativa na produção artística ressaltando, em especial, os ensaios de Charles Baudelaire sobre os *Salons* de arte, que abriram caminho para a crítica romântica.

Maria Helena Rodrigues, Anita de Sá e Elizabeth Boshier apontam para a oportunidade de refletir e responder questões de grande relevância na atualidade, proporcionadas pelo trabalho conjunto do grupo envolvido, onde a familiaridade com as técnicas gráficas computacionais podem vir a ser cada vez mais vitais, objetivando alcançar novas alternativas para trabalhar a interdisciplinaridade dentro de um contexto educacional que alia ciência, tecnologia e arte.

Ronaldes de Melo e Souza evoca em sua investigação o diálogo fecundo da interdisciplinaridade entre poesia, filosofia e ciência, suscitado e promovido por uma revolução fundamental no discurso filosófico e científico da atualidade com base nas contribuições de Bachelard, Heidegger e Hölderlin .

Sonia Helf Schulz revela em seu artigo a trajetória de Le Corbusier marcada pela interação com múltiplos campos do saber à procura de uma arquitetura revolucionária, mostrando alguns aspectos relevantes desta luta para adquirir uma nova identidade arquitetônica. Mostra ainda, que embora provavelmente revolucionária, a obra de Le Corbusier já foi reinterpretada ou, talvez, superada. Seu artigo encerra a parte temática.

Ângela Carneiro ressalta em seu ensaio – que teve como objeto de estudo mais de 500 livros infantis – que cada história infantil têm lugar num certo local e acrescenta que muitas vezes o autor infantil se apropria da arquitetura subvertendo sua função de ambientadora para a ação, transformando-a em personagem principal. A articulista busca ainda – com base na literatura infantil – estabelecer o lugar em que se desenrolam os modernos contos infantis brasileiros.

Annateresa Fabris discorre em seu ensaio sobre o uso inquestionável do testemunho fotográfico como um documento primário utilizado por vários domínios científicos como: antropologia, arqueologia, etnografia, geografia, medicina, criminologia e psicologia. Com base em importantes estudos, focaliza o uso científico da fotografia, que abre novas perspectivas tanto para a ciência quanto para a arte, favorecendo a abertura de novos caminhos nas pesquisas artísticas no século XIX e XX.

Carolina Gianpietro em sua tradução do ensaio *Proust, crítico de arte* de autoria de Annamaria Contini afirma que em Proust oculta-se um crítico penetrante que desde os escritos da juventude promoveu um diálogo original com as artes figurativas, disseminando em suas obras referências a pintores reais ou imaginários.

Cláudia Helene Ribeiro Pessanha analisa *Bolero* - primeira narrativa de maior fôlego do escritor brasileiro Victor Giudice - e chama a atenção para a espetacularidade do texto. A articulista ressalta ainda que *Bolero* pode ser lido como realização do projeto implícito ao longo do próprio texto, o de abordar questões históricas sem negar a linguagem da arte.

Helena Cunha de Uzeda em *Gonzaga Duque e os Cavaleiros da Modernidade* chama a atenção para a estética simbolista que surge como uma tendência dominante dentro das artes visuais e da literatura durante as últimas décadas do século XX, evidenciando a simbiose das idéias conscientes do artista com as imagens estabelecidas no inconsciente cultural, através da materialização em símbolos capazes de representar as emoções e os novos questionamentos do fazer artístico.

Lenirce Sepúlveda em seu artigo retrata a obra do ficcionista gaúcho Caio Fernando Abreu, um dos nomes mais expressivos do conto contemporâneo brasileiro. A articulista indaga ainda: Que é a obra de Caio Fernando Abreu senão uma permanente lição de coisas?, que ficam lá no fundo a nos "catucar", a remexer em feridas a sacudir o pó de preconceitos; coisas que geralmente ficam caladas mas que ele alardeava aos quatro ventos.

Maria do Carmo Peixoto Pandolfo através de uma análise comprometida com o significativo e o diálogo intertextual aponta a paradigmática bipolaridade sol/lua, com seu desdobramento macho/fêmea, que se recolhe no signo de touro, como marca fundante e característica peculiar da cultura cretense. Através da estória do legendário Rei Minos e seus familiares a articulista reafirma ainda a função que Lévi-

Strauss especifica para todo mito: mediar a oposição entre antinomias racionalmente inconciliáveis.

Maria Helena Mendonça aborda em seu artigo dois textos de épocas distintas da literatura brasileira, Joaquim Manuel de Macedo – *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro* - e Rubem Fonseca – *A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro* – evidenciando que os objetivos das duas narrativas são os mesmos: recriação/instauração de uma realidade ficcional, a partir de uma realidade referencial, documentada pelo aspecto geográfico/espacial, todavia apresentando-nos diferentes verdades da mesma realidade.

Paola Berenstein Jacques mostra em seu ensaio a importância do franco-suíço Cendrars considerado como o maior instigador de uma viagem ao encontro das próprias raízes, vindo a ser o grande responsável pela "redescoberta" do Brasil pelos modernistas brasileiros. Revela ainda o fascínio do poeta pela cultura dos negros que habitavam os morros do Rio, buscando conhecer *in loco* seus habitantes e seus hábitos, acabando por descrever melhor o Rio dos anos vinte que os próprios urbanistas.

Simone de Souza Mesquita apresenta-nos a história da Praça Saens Peña mostrando através de imagens as transformações ocorridas através dos tempos, refletidas sobre a ótica do trabalho dos fotógrafos lambe-lambe, abordando ainda sua técnica de trabalho. Seu artigo encerra as contribuições de pesquisas e traduções não contempladas pela temática.

Marcos Vinícius Nogueira em sua resenha sobre o Livro *Música Final* de Jorge Coli revela que o autor nos brinda com uma leitura absolutamente transparente dos últimos escritos de Mário de Andrade veiculados através de sua coluna semanal no jornal *Folha da Manhã*, de 1943 a 1945, intitulada *O Mundo Musical*, possuidores dos inúmeros traços que sempre caracterizaram a crônica deste notável músico – pensador, suas questões estéticas, sociais e políticas.

Maria Lúcia Leitão de Almeida ao resenhar o livro de Gilles Fauconnier esclarece que a teoria apresentada por seu autor não somente é sofisticada ferramenta para análise de fenômenos semânticos, mas também oferece recursos para análise e descrição de fatos tipicamente gramaticais como sentenças condicionais e tempos verbais. A articulista afirma que exatamente por isso é teoria revolucionária: apresenta visão integrada dos componentes da gramática.

Rosza W. Vel Zoladz em sua resenha sobre o livro que reúne vinte ensaios de autoria de amigos do eminente sociólogo francês Jean Duvignaud, mostra que o projeto editorial do livro foi algo de intensa troca de idéias entre os cientistas sociais que assinam os artigos, constituindo-se num "encontro dialético de idéias, de textos, de gerações". A articulista salienta que o propósito único do trabalho é o de reverenciar

o mestre e amigo, - homenagem mais que merecida a Duvignaud – que soube fazer de Paris, do Brasil e do mundo a sua casa, sem esquecer de sua cidade natal La Rochelle. Sua resenha encerra esta parte.

Damos prosseguimento à divulgação das dissertações de mestrado da Escola de Belas Artes, da Escola de Música, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e da Faculdade de Letras, das teses de doutorado da Faculdade de Letras de setembro de 1998 a junho de 2000.

As notícias das unidades que integram o CLA revelam as notáveis realizações e conquistas de nosso universo acadêmico. Elas encerram o volume.

Queremos aproveitar a oportunidade para registrar sinceros agradecimentos:

Aos Conselhos Executivo e Editorial.

Aos Consultores *ad hoc* Antônio Carlos Secchin, Carlos Terra, Celina Mello, Ivone da Silva Ramos Maia, Lucia Maria Sá Antunes Costa, Luiz Edmundo B. Coutinho, Manoel Antônio de Castro, Marcelo Jacques Moraes, Marco Lucchesi, Sônia Gomes Pereira e Victor Hugo Adler Pereira.

Aos professores André Cardoso, Maria Ângela Dias, Maria Emília Barcellos da Silva e Rogério Medeiros, pela colaboração especial na organização da coluna Aconteceu.

Aos funcionários André Garcez, Cristovão José da Rocha e Rubens dos Santos Rodrigues do Escritório de Planejamento do CLA.

Registrem-se, ainda, nossos agradecimentos a todos que, direta ou indiretamente, caminharam conosco conscientes da importância desta publicação para o Centro de Letras e Artes e para a UFRJ.

ERMELINDA AZEVEDO PAZ ZANINI
EDITOR-CHEFE DA REVISTA INTERFACES